

#### COLABORAM NESTE NÚMERO

##### FRED M. CLARK

Professor do Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Carolina do Norte; publicou vários livros sobre a Literatura Brasileira, estudando especificamente autores como José de Alencar, Machado de Assis e Guimarães Rosa entre outros.

##### MARÍCIA VIANA

Mestre em Lingüística pela Universidade de Georgetown, é professora de Lingüística no Curso de Mestrado em Letras e Lingüística da UFPE. Coordena os cursos de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa na Universidade Católica de Pernambuco. Tem publicado vários ensaios no campo de sua especialidade.

##### LUIS ANTÔNIO MARCUSCHI

Doutor em Filosofia da Linguagem pela Universidade Erlangen, República Federal da Alemanha. Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco. Autor dos livros *Das Beispiel als Methode* (tese de doutoramento) e *Linguagem e Classes Sociais e de vários ensaios sobre lingüística*.

##### LEÔNIDAS CÂMARA

Crítico literário, poeta e contista, professor titular de Teoria da Literatura na Universidade Católica de Pernambuco. Doutor em Letras e Livre-Docente em Teoria da Literatura. Colaborou em várias obras coletivas sobre a Literatura Brasileira e Teoria Literária. Professor do Mestrado em Letras e Lingüística da UFPE, onde leciona Teoria do Romance e Filosofia da Ciência Literária.

## O Romance Brasileiro para os Norte-americanos

### I. Problemas. Alencar a Aluísio Azevedo

Fred M. Clark

William J. Griffin, no artigo intitulado «Brazilian Literature in English Translation,» discute brevemente o valor das traduções de obras literárias e conclui com esta afirmação bastante apropriada: «Muito poucas pessoas de língua inglesa são capazes de alcançar uma compreensão satisfatória dos brasileiros através da leitura no original da literatura que expressa o caráter e espírito do Brasil»(1). Embora haja muito mais estudantes de português e literatura brasileira nas universidades atualmente do que havia quando Griffin escreveu o seu artigo em 1955, a afirmação é ainda perfeitamente válida. O número de pessoas que depende das traduções, seja para compreender o Brasil, seja apenas para ter um certo contacto com a literatura brasileira, é ainda maior agora. Apesar de haver um número consideravelmente maior de traduções do que em 1955, existe ainda, relativamente falando, muito pouca coisa disponível. O Brasil tem crescido muito em importância política e econômica dentro do panorama universal; a sua produção literária, da mesma forma, tem aumentado enormemente. Para se saber como este gigante sulamericano de tremendo potencial pensa, vive e sente com relação a si próprio e ao resto do mundo, não existe melhor maneira para os norte-americanos do que estudá-lo à base de seus escritores e das interpretações que estes oferecem do seu povo e da sua realidade nacional.

Há, entretanto, vários problemas relacionados com as traduções da literatura brasileira para o inglês. Primeiramente, como são feitas estas traduções, até que ponto elas são disponíveis, e como leitor pode localizá-las. Gerald Moser, em seu artigo

1. William J. Griffin, «Brazilian Literature in English Translation,» *Inter-American Review of Bibliography*, I, V (1955), 21.

«Histories of Brazilian Literature: A Critical Survey,» observa a falta de «um roteiro conciso e acessível para bibliotecários e leitores, que forneça informação segura sobre autores brasileiros e amplas sugestões para leituras»(2). O artigo de Griffin, que contém uma bibliografia de obras brasileiras traduzidas para o inglês até 1955, fornecia uma base para este roteiro, mas esta só foi atualizada muito recentemente quando uma bibliografia do romance, conto e teatro brasileiros em tradução foi compilada para uma tese na Escola de Biblioteconomia da Universidade de Carolina do Norte(3). Tratando-se de uma tese e não tendo sido publicada, esta bibliografia não se encontra disponível e não resolve completamente o problema de um roteiro, pois ela não inclui as traduções de poesia.

A disponibilidade das traduções é um problema frustrador depois que a pessoa consulta as bibliografias. Muitos trabalhos foram publicados em edições pequenas e nunca reimpressos; outros se acham espalhados em diversas revistas e jornais literários dificilmente encontrados nas bibliotecas. Algumas traduções, especialmente de romances do século XX, têm saído em edições populares — brochuras — (tais como os livros de Jorge Amado *Gabriela, cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, que foram ilustrados com capas atraentes com desenhos de mulheres voluptuosas para sugerir as suas qualidades de «best-seller»), e alguns trabalhos, como os romances de Érico Veríssimo, estão sendo reeditados em edições de capa dura. Estes, entretanto, estão sendo vendidos a preços exorbitantes e não podem ser adquiridos pelo leitor comum. Pelo menos eles se encontram mais acessíveis nas bibliotecas do que anteriormente.

O próximo problema relacionado com estas traduções é o que o professor Griffin levanta no seu artigo. Nem todas as obras de literatura podem ser consideradas representativas do país de seu

2. Geral M. Moser, «Histories of Brazilian Literature: A Critical Survey,» *Inter-American Review of Bibliography*, X, 2 (1960), 129.

3. Murlin Croucher, *A Selected, Annotated Bibliography of English-Language Translations and Criticism of Brazilian Prose Fiction and Drama of the Nineteenth and Twentieth Centuries*. 1976. Unpublished thesis. School of Library Science, University of North Carolina, Chapel Hill, North Carolina.

4. Griffin, pp. 21-22.

autor. Nem, nós poderíamos acrescentar, são todas as obras representativas do desenvolvimento literário do país. Assim, quais dentre as obras literárias brasileiras traduzidas para o inglês deveriam consideradas como representativas do Brasil e do seu desenvolvimento literário? Griffin foi buscar a solução para este problema no livro de Néelson Werneck Sodré *O que se deve ler para conhecer o Brasil* (Rio, Editora Leitura, 1945) e nas obras que este historiador brasileiro considerava vitais para a compreensão de seu país. Dos setenta e seis volumes de literatura enumerados pelo brasileiro, apenas dez trabalhos completos foram traduzidos até 1955, e nove dentre estes eram romances (o décimo era *Os Sertões* de Euclides da Cunha).<sup>5</sup> Havia, contudo, dezessete romances completos traduzidos para o inglês e citados por Griffin; hoje há mais de cinquenta traduzidos.

O propósito deste trabalho é duplo: 1) mostrar quais dos romances atualmente acessíveis em inglês podem ser considerados representativos do Brasil e seu desenvolvimento literário, e 2) como os críticos norte-americanos têm aceito estes trabalhos enquanto criações literárias. A lista apresentada por Néelson Werneck será consultada, tendo-se em vista que ela foi compilada «dentro de um critério pessoal» (de orientação mais histórica e sociológica do que literária), e que a última edição deste livro apareceu em 1967. Alguns trabalhos que apareceram depois daquela data, e outros que o compilador não incluiu, também serão considerados.

### Século XIX

Harvey L. Johnson, em artigo lidando com o problema da literatura brasileira em tradução inglesa, considera-a uma literatura que «se acha agora madura, que fala agora da índole nacional, da alma do povo, deixando óbvios ao mesmo tempo os elementos que diferenciam este país sulamericano dos demais»(6). O seu exame das obras literárias brasileiras em tradução inglesa se limita quase exclusivamente ao século XX, com exceção das

5. Croucher, p. 5.

6. Harvey L. Johnson, «The Brazilian Mirror: Some Brazilian Writings in English Translation,» *Americas*, XXI (1969), 275.

discussões sobre os livros de Machado de Assis. Existem, entretanto, vários outros romances do século XIX traduzidos para o inglês que oferecem uma visão bastante ampla dos diversos aspectos do país e da literatura durante o século.<sup>7</sup>

Dos numerosos romances escritos durante o período romântico, há uns poucos que foram traduzidos para o inglês, mas dentre estes, a maioria é importante pelo seu valor literário, e quase todos estão incluídos na lista de Nelson Werneck Sodré. O único romance tipicamente romântico acessível em inglês é *Iracema* (1865) de José de Alencar, que segundo Manuel Bandeira «começou, no reino da literatura e da linguística, uma reação nacionalista em favor das formas brasileiras»(8). O livro teve duas traduções, a primeira já em 1886 por Isabel Burton.

Um romance anterior, mas muito além da sua época devido ao seu realismo, é o de Manuel Antônio de Almeida: *Memórias do um sargento de milícias* (1854; *Memoirs of a Militia Sargeant*, 1959). Organizando em uma estrutura episódica e de caráter picaresco, o romance retrata o Rio de Janeiro colonial.<sup>9</sup> Por causa dos detalhes realistas na apresentação dos vários tipos da sociedade brasileira da época, o livro não só tem grande mérito literário, como também enorme valor histórico e sociológico para o estudante norte-americano da cultura brasileira.

*Inocência* (1872), do Visconde de Taunay, representa a transição entre o romantismo de Alencar e o realismo da última parte do século, que tinha sido precocemente revelado no romance de Manuel Antonio de Almeida. *Inocência* pertence à linha do romance brasileiro que lida com o campo ao invés da cidade — o romance regional, que terá o seu complemento no século XX com escritores como José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e Jorge Amado, que os norte-americanos podem ler em traduções. Os críticos dos Estados Unidos referiram-se a *Inocência* como «a estória de Romeu e Julieta dos Sertões brasileiros do século XIX.»

7. Afrânio Coutinho, *An Introduction to Literature in Brazil* (New York, 1969), p. 146.

8. Manuel Bandeira, *A Brief History of Brazilian Literature* (New York, 1964), p. 86.

9. Antônio Soares Amora, *História da literatura brasileira* (São Paulo, 1967), p. 58.

e o elogiaram pela sua «profunda penetração nas relações humanas»(10). Um jornalista norte-americano, entretanto, achou tudo no romance banal e pouco convincente. Ele o recomenda apenas por causa do «passo importante que representa no desenvolvimento do romance brasileiro moderno»(11). Embora esta afirmação acerca da importância histórica do livro dentro do quadro da literatura brasileira seja bastante acurada, é óbvio que o crítico baseou o seu julgamento numa técnica novelística do século XX, revelando pouca compreensão dos sertões do Brasil e seus habitantes. Ele não levou em conta o fato de que o romance havia sido escrito setenta anos antes, «sob a influência de uma escola literária que perdeu quase todo o seu significado para os leitores de hoje»(12).

Embora aquém dos acontecimentos literários da Europa, a literatura brasileira sofreu a influência de certas escolas como o Naturalismo de Zola. Um dos primeiros discípulos do escritor francês no Novo Mundo foi Aluizio Azevedo (1857-1913), autor do romance *O cortiço* (1890; *A Brazilian Tenement*, 1926). Através desta obra, o leitor de língua inglesa deparou-se pela primeira vez com um problema que tem persistido até o presente — a vida de favela no Rio e os problemas e a tragédia que atormentam os personagens sufocados por este meio. Os críticos norte-americanos receberam o livro como «um quadro de costumes de grande vividez e realidade»(13). Aluizio Azevedo foi elogiado pela sua objetividade e pelo seu senso de ironia «que atinge a sua expressão mais completa nas últimas páginas do livro»(14). Todos os críticos concordaram que o romance representava apenas «um pedaço da vida» e não o Brasil como uma totalidade. Outra pintura da vida de favela foi dada aos leitores norte-americanos em uma tradução mais recente — *Child of the Dark* (*Quarto do despejo*, 1960) por Carolina Maria de Jesus. A qualidade literária deste diário de uma mulher semi-analfabeta não pode ser comparada à da obra-prima do século XIX, mas a documentação da vida cotidiana nas favelas de São Paulo revelada neste livro traz à mente as condições de vida horripilantes vistas em *O cortiço*.

10. Angel Flores, *Book Week*, March 11, 1945, p. 5.

11. S. M. Gross, *Springfield Republican*, February 27, 1945, p. 6

12. Angel Flores, *ibid.*

13. *The Independent*, May 22, 1926.

14. *Thid.*

## 2. De Machado de Assis a José Lins do Rego

Pertencendo cronologicamente ao século XIX e revelando alguma influência dos movimentos literários daquele século, Machado de Assis (1839-1908), o maior de todos os escritores brasileiros, sucede a estes e antecipa métodos e técnicas novelísticas do século XX. Como disse um crítico norte-americano na sua resenha de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); *Epitaph of a Small Winner*, 1952), a obra «tem a vitalidade experimental e inventiva que se associa com a escrita dos anos vinte, e parece pertencer muito mais em espírito àquele período vivo do que aos anos oitenta, em que foi primeiramente publicado»(1). Outro crítico, comentando sobre um dos últimos romances de Machado, *Esau e Jacó* (1904; *Esau and Jacob*, 1965), assinalou um outro traço do século XX na obra desse autor: «o que é mais extraordinário para o leitor americano em Machado é a sua antecipação de uma das maiores preocupações do homem contemporâneo — o sentido do absurdo existencial»(2). Os críticos, entretanto, nem sempre foram muito favoráveis ao autor brasileiro. Houve um que achou que o *Epitaph of a Small Winner* pecava pelo «tom de niilismo barato com que ele — Machado — termina o seu livro»(3). Outro viu o *Dom Casmurro* (1899; *Dom Casmurro*, 1953) como um romance com uma triste estória que leva o leitor mais à impaciência do que à piedade «porque a faísca de vida que ele contém é tão remota, e mais do que isso, tão fraca»(4).

Quatro dentre os cinco romances de Machado acessíveis em tradução inglesa são citados por Nelson Werneck Sodré. *A mão e a luva* (1874; *The Hand and the Glove*, 1970), que é mais um romance romântico, mas que contém muito do espírito humorístico

1. Anthony West, *New Yorker*, August 9, 1952, p. 71.

2. *Newsweek*, July 26, 1965, p. 92.

3. S. M. Fitzgerald, *New Republican*, September 15, 1952, p. 20.

4. *New Yorker*, June 6, 1953, p. 150.

e ironia encontrados nos romances posteriores, não é considerado indispensável pelos brasileiros para uma compreensão do Brasil. Ele é importante, todavia, para aqueles desejosos de estudar tão completamente quanto possível a arte de Machado de Assis. Dos cinco romances, o *Dom Casmurro* foi o mais bem aceito pelos críticos norte-americanos. *Esau and Jacob* foi apreciado, apesar da opinião de um crítico de que o livro não tinha «a solidez, a aparente facilidade e graça de seus antecessores...»(5) O autor desta afirmação referia-se a *Quincas Borba* (1891; *Philosopher or Dog*, 1954), *Memórias póstumas* e *Dom Casmurro*. A maioria dos críticos brasileiros provavelmente concordaria com esta afirmação, como também com a de um outro crítico de que *Quincas Borba* é «decididamente um romance menos brilhante» do que *Memórias póstumas*(6). Ao lado dos elogios quase universais que tiveram o *Dom Casmurro* como a melhor revelação do gênio literário de Machado, está a convicção de que autor «merece reputação internacional» e «um lugar estabelecido na literatura universal»(7).

Além dos cinco romances mencionados, um grande número de contos de Machado tem sido traduzidos para o inglês. Estes contêm muitos elementos do talento novelístico do autor, e, lendo-os, os norte-americanos adquirem uma visão mais clara das diversas facetas da obra de Machado. A coleção mais acessível é *The Psychiatrist and Other Stories* (uma tradução de *O alienista* e uma série de outros contos de coleções diferentes; a data da tradução é 1963). Inúmeros estudos sobre Machado como novelista e contista têm aparecido em inglês, dirigidos especialmente para o americano que não fala o português. Estes contribuem muito para aumentar o conhecimento e a compreensão do leitor sobre Machado e sua obra. O mais conhecido especialista norte-americano da obra de Machado é Helen Caldwell, que publicou dois trabalhos sobre os seus romances. Seu livro *The Brazilian Othello of Machado de Assis* é um estudo comparativo do *Dom Casmurro* com o *Othello* de Shakespeare, que procura

5. *Newsweek*, July 26, 1965, p. 92.

6. *Nation*, August 28, 1954, p. 178.

7. H. C. Webster, *New York Times*, May 24, 1953, p. 4; Frank Geitlin, *Commonweal*, August 1, 1952, p. 417.

responder a duas perguntas básicas: se a heroína é culpada de infidelidade e porque o autor deixa esta decisão em aberto para o leitor. Num estudo mais recente, *Machado de Assis; the Brazilian Master and his Novels*, Miss Caldwell apresenta uma visão mais completa dos romances de Machado. Como cinco destes livros já haviam sido traduzidos, e Miss Caldwell traduz trechos de outros que ela discute, o trabalho constitui uma introdução valiosa para os romances de Machado. Sobre os contos deste autor existe um artigo dirigido para os norte-americanos: «The Short Stories of Machado de Assis» de John Nist, que é uma análise da tradução *The Psychiatrist and Other Stories*(8).

Outro trabalho acessível em tradução inglesa, *Canaã*, de Graça Aranha, foi publicado em português em 1902 (em inglês sob o título *Canaan*, 1920). O livro trata de um fenômeno do século XX, como S. Putnam assinalou: as muitas e variadas ondas de imigração que ocorreram no início do século XX, e que continuam até os nossos dias, acrescentando novos elementos à já grande mistura étnica brasileira. A tradução inglesa recebeu uma certa atenção nos Estados Unidos dos anos vinte, e em geral foi muito bem recebida pelos críticos que viram o livro como uma apresentação da «civilização brasileira de hoje» e «um retrato fascinante da vida brasileira»(9). Alguns críticos norte-americanos viram um paralelo entre o Brasil e os Estados Unidos, que sempre se caracterizaram por uma mistura de imigrantes em busca de uma Canaã. «É um livro para as duas Américas,» escreve Isaac Goldberg(10). Atualmente o livro não é muito considerado nem pelos norte-americanos nem pelos brasileiros.

8. Outras obras de Machado, e estudos sobre ele, incluem:

Assis, Joaquim Maria Machado de. *The Psychiatrist and Other Stories*. Translated by William L. Grossman and Helen Caldwell. Berkeley: University of California Press, 1963.

Caldwell, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. Berkeley: University of California Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: the Brazilian Master and his Novels*. Berkeley: University of California Press, 1970.

Nist, John. «The Short Stories of Machado de Assis.» *Arizona Quarterly*, (Sept. 1968), 5-22.

9. *Nation*, March 13, 1920, p. 337; *Springfield Republican*, June 3, 1920, p. 6.

10 Isaac Goldberg, *Bookman*, April, 1920, p. 232.

No mesmo ano em que o romance de Graça Aranha foi publicado, *Os Sertões* de Euclides da Cunha (*Rebellion in the Backlands*, 1944) também apareceram. Este livro, embora estritamente falando não pertença ao âmbito da prosa de ficção, exerceu uma influência considerável sobre os escritores do século XX. Como diz Samuel Putnam, em *Rebellion in the Backlands* «o brasileiro contempla a sua própria neurastenia, uma agonia profunda da alma, que atingiu o seu clímax na passagem do século»(11). A tradução, considerada em si uma obra-prima, foi comentada não apenas nos suplementos literários, mas também em jornais profissionais de antropologia e história nos Estados Unidos. Deixando de lado os erros relativos à raça (que Gilberto Freire assinalou), os críticos americanos encararam o livro como «um dos grandes livros do nosso tempo e hemisfério,» e como «o clássico universal da América Latina»(12). Embora um dos críticos acreditasse que a qualidade da obra «faz com que se pense bem dos brasileiros,» outro assinalou imediatamente que o livro «não é um dos clássicos universais — contrariamente à opinião que os brasileiros têm dele...»(13). Euclides da Cunha constitui sem dúvida um marco na história do desenvolvimento da literatura brasileira; depois dos romances românticos regionalistas do século XIX, *Os Sertões* são uma tentativa séria de estudar o homem dos sertões e trazê-lo para o centro da vida nacional. O romance regionalista do século XX tratará do mesmo assunto, da mesma maneira séria e realista.

### Século XX

O movimento modernista, iniciado oficialmente em 1922 com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, produziu alguns dos melhores poetas na história da literatura brasileira. O movimento em sua fase inicial foi de natureza inovadora e ao mesmo tempo destruidora, pois os jovens poetas e intelectuais da década de vinte prepararam o caminho para o florescimento das letras e das artes no nosso século. Eles romperam com as tradições literárias e

11. Samuel Putnam, *Marvelous Journey*, p. 202.

12 B. D. Wolfe, *Weekly Book Review*, July 30, 1944, p. 6; *Commonweal*, February 11, 1944, p. 422.

13 *New Yorker*, February 19, 1944, p. 87.

artísticas gastas do século anterior que continuavam a predominar até os anos vinte, e, numa tentativa de modernizar a literatura e as artes brasileiras, começaram um processo de introspecção nacional em busca de identificação da essência de seu país. Todo aspecto da realidade nacional despertava interesse e era digno de tratamento artístico e literário: o folclore regional, a linguagem coloquial e popular, os mitos e lendas de todas as regiões do país. A literatura nova, moderna, deveria ser um reflexo do próprio Brasil, não das filosofias, técnicas e linguagem importadas da Europa.

O Modernismo foi mais bem representado em poesia durante a década de vinte, mas houve várias tentativas sérias de introduzir as inovações na prosa de ficção. O romance folclórico *Macunaíma* de Mário de Andrade, em que ele sintetiza o material que havia colecionado em viagens por todo o Brasil e cria o herói folclórico Macunaíma, o «herói sem caráter», infelizmente ainda não foi traduzido por completo para o inglês. Dele existem apenas trechos traduzidos acessíveis ao leitor norte-americano na antologia de Harriet de Onís *The Golden Land: An Anthology of Latin American Folklore in Literature* (New York, Knopf, 1948). Um romance anterior de Mário, entretanto, já foi completamente traduzido: *Amar, verbo intransitivo* (1927; *Fraülein*, 1933), que não é um trabalho tão ambicioso quanto *Macunaíma*. Os críticos norte-americanos viram no livro um contraste de características nacionais e «nítidos paralelos entre o temperamento germânico e o latino,» com «alguns comentários amargos sobre a maneira de ser brasileira»(14). Obscurecido pelos trabalhos posteriores de Mário de Andrade, o romance havia praticamente sido esquecido até pouco tempo atrás quando Fábio Lucas o reexaminou e concluiu que a obra ultrapassou o seu valor histórico na literatura brasileira e que agora deve ser encarada em si mesma como uma criação novelística de alto nível. É de se duvidar, entretanto, que o interesse dos norte-americanos seja a ponto de se reeditar a tradução.

Dentre os escritores que começaram a publicar na década de trinta e que vieram a constituir grandes nomes na literatura

14. Lisle Bell, *New York Herald Tribune Books*, July 16, 1933, p. 10; *New York Evening Post*, July 22, 1933, p. 7.

brasileira, muitos já foram traduzidos para o público norte-americano: Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. Embora Néelson Werneck Sodré inclua apenas Graciliano Ramos e José Lins do Rego no seu «roteiro literário,» Antônio Soares Amora acha que «o romance é o gênero literário que tem explorado mais ampla e profundamente as realidades da vida brasileira atual»(15). Segundo a opinião dos críticos literários brasileiros, os norte-americanos podem ter uma visão do Brasil do século XX e um conhecimento do desenvolvimento do romance contemporâneo por meio das traduções dos autores deste período.

Graciliano Ramos, o mais velho romancista do chamado Grupo Nordestino que começou a publicar nos anos trinta, é considerado o melhor escritor do grupo em termos de forma e estilo, e é excelente na retratação psicológica do povo da agreste região sertaneja. Em *Angústia* (1936; *Anguish*, 1946) o autor habilmente revela os pensamentos íntimos do personagem central através do uso do monólogo interior. Os críticos norte-americanos louvaram a habilidade técnica e estilística de Graciliano Ramos quando viram em *Angústia* «uma dramatização eficaz de um caso psiquiátrico,» e um romance de «compelling intensity of psychological truth and skillful plan»(16). As opiniões relativas à tradução revelam uma compreensão da parte dos norte-americanos pela importância de Graciliano Ramos dentro do desenvolvimento do romance brasileiro: «O senhor Ramos é um dos cabeças do Renascimento literário brasileiro...»(17) A sua importância dentro do romance da América Latina em geral também foi reconhecida: «Com esta tradução de 'Angústia,' um romance superior do movimento literário contemporâneo da América Latina se torna acessível ao leitor norte-americano»(18). Num romance posterior, *Vidas secas* (1938; *Barren lives*, 1965), o autor mostrou ser ainda mais adepto do

15. Antônio Soares Amora, «Perspective of Contemporary Brazilian Literature,» *Books Abroad*, 27, 4 (Autumn, 1953), 364.

16. Angel Flores, *Book Week*, April 21, 1946, p. 4; B. D. Wolfe, *Weekly Book Review*, April 7, 1946, p. 20.

17. E. B. Burgun, *New York Times*, March 31, 1946, p. 10.

18. H. T. de Sá, *Saturday Review*, April 13, 1946, p. 76.

manejo das técnicas novelísticas contemporâneas com o uso do discurso indireto livre. Em *Vidas secas* Ramos, com sua técnica, revela mais sobre os seus personagens «através da sugestão do que de afirmações diretas... o sol, um cachorro, e uma sombra são personagens tão legítimas nesta narração quanto os seres humanos»(19). A simplicidade do estilo e a falta de pretensão chamaram a atenção dos críticos norte-americanos que acharam o estilo «tão seco quanto as vidas que ele descreve...»(20) A obra foi vista não simplesmente como um protesto social, mas como um romance de significação universal: «Não há muitos personagens na estória, mas Fabiano e sua mulher são análises significantes de personalidades que representam uma grande parte da humanidade»(21). Outros livros de Graciliano Ramos, tais como *São Bernardo* (1934) e *Memórias do cárcere* (1953), revelariam mais sobre o desenvolvimento do autor e sua técnica, mas estes, infelizmente, ainda não foram traduzidos para o inglês.

José Lins do Rego (1901-1957) ocupa-se de outra área da vasta região do Nordeste brasileiro. Em romances como *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), e *Bangüê* (1934) — todos traduzidos em um só volume, *Plantation Boy* (1966) — o autor registra as mudanças econômicas e sociais causadas pela cana de açúcar na região. O autor foi considerado mais um «escritor de memórias do que um romancista,» quando os norte-americanos criticaram a sua obra, e o valor dos romances foi tido como devido mais à narrativa do que ao estilo(22). Um paralelo foi traçado entre Lins do Rego e Faulkner, com o escritor brasileiro, entretanto, deixando de empregar os materiais da tragédia faulkneriana e produzindo «nada mais do que uma viva série de observações»(23). Embora José Lins do Rego «não fosse adepto do estilo literário refinado próprio da tendência modernista da sua época,» um crítico compreendeu que o valor dos seus três romances era

19. E. R. Monegal, «The Contemporary Brazilian Novel,» *Daedalus*, 95 (Fall, 1966), p. 7. (Também in *Fiction in Several Languages*, ed. by Henri Peyre (Boston, 1968), pp. 1-18.

20 *Choice*, June, 1966, p. 413.

21 F. P. Smith, *Library Journal*, October 15, 1965, p. 4365.

22 Glendy Culligan, *Book Week*, June 26, 1966, p. 12.

23 *Ibid.*

documental: «Este novo volume de prosa de Lins do Rego em tradução sustenta consideravelmente a afirmação de que ele foi o primeiro intérprete literário do legendário Nordeste brasileiro»(24). Um romance posterior, *Pureza*, também foi traduzido para o inglês (1937; *Pureza*, 1948). O livro constitui uma tentativa do autor de estender os seus limites e trabalhar com outro material que não o do ciclo da cana de açúcar. Este não é, entretanto, um romance tão bom quanto *Fogo morto*, considerado o seu único trabalho excelente(25). *Fogo morto* ainda está para ser traduzido para o inglês de forma que os norte-americanos possam conhecer o melhor de José Lins do Rego.

24 D. A. Yates, *Saturday Review*, July 9, 1966, p. 31.

25 Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil* (Rio, 1968), p. 295.